

# COMMERCIO DO MINHO

5.º ANNO 1877

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 617

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte.—As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

**PUBLICA-SE**

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$000 rs e sendo duas 3\$600 rs.—Semestre 1\$050 rs.—Brazill, anno 3\$600 rs.—Semestre 1\$900 rs. moeda forte, ou 8\$000 reis e 4\$500 reis moeda fraca.—Annuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abatimento.

**BRAGA—QUINTA-FEIRA 22 DE MARÇO**

o homem.

(Conclusão)

Refiro-me á queda do homem pelo peccado original; facto este, que vem narrado na historia dos Indios, Persas, Chins, Tartaros, Thibetanos, Scandinavos, Mexicanos e Salivas (Jesus Christo perante o seculo na palavra o homem, sua queda).

O homem transgredindo o preceito do Senhor, comendo do fructo da arvore prohibida e calçou aos pés a lei, e desobedeceu ao Senhor. E o seu crime mede-se pela qualidade da pessoa offendida. Devia pois o homem não só ser expulso para sempre do Paraizo, e ficar sujeito ás dôres, ao trabalho, á morte etc., mas nem mesmo ter esperança alguma em seu coração! Mas não! O Senhor não o quiz assim; pois usou para com elle de misericórdia, e prometeu-lhe um dia a sua redempção!

E como a esperança anima o coração do homem, por isso a sorte do homem tornou-se-lhe algum tanto melhor. Eis aqui mais beneficios e graças concedidas por Deus aos homens! Porém os homens em vista de um peccado tão enorme commettido por elles não tornaram jámais a ser quem eram! E não obstante os nossos protoparentes viverem vida penitente, contudo a natureza estava corrompida. E' por isso que vimos logo Caim levado de inveja matou seu irmão Abel. Deus como justo e bom irrita-se com este acto e contenta-se só que Caim viva desterrado!

Os filhos de Deus ligam-se com os filhos dos homens, e deste enlace e comunicação nasce uma corrupção geral a ponto de Deus se arrepende de ter creado o homem!

Eis pois a razão porque Deus depois de ter avisado Noé para que construa uma arca capaz de conter um casal de cada casta de animaes, elle, seus filhos e noras, resolve castigar o mundo com um grande cataclismo!

Referimos-nos ao diluvio universal de que Moisés nos falla, e de que dão ideia os Caldeos Indios, Egypcios, Persas, Thibetanos, Chinezes, Tartaros, Mexicanos e Peruvianos. (Christo perante o seculo na palavra—Diluvio).

Passados dias a barca, onde Moisés e sua familia se salvou, pára no monte Ararat na Armenia! Moisés e sua familia saem para fóra e juntamente os mais animaes. O Senhor os abençoa dizendo—*crescite et multiplicamini*: faz com os homens uma nova alliança, promette-lhes não tornar a castigar mais o mundo de similhante modo, collocando-lhe no céu, para signal da sua alliança o arco Iris.

Mas os homens não tardaram muito que não offendessem a Deus. Caim escarnece de seu pae! e mais tarde os homens enchem-se de orgulho, resolvendo edificar uma torre, que chegue até ao céu, para, diziam elles, escapar ás iras de Deus, se por acaso um outro diluvio viesse sobre elles! Cousa irrisoria! não sabiam que Deus os podia castigar para onde quer que elles fossem!

Quem é que se pôde esconder aos olhos de Deus?! Por isso Deus os castigou com a confusão das linguas! e os homens vendo que se não entendiam, desistiram da obra, e espalhando-se para diferentes partes começaram a multiplicar-se e a crescer. E então elles se entregaram ás artes, esqueceram o Creador e adoraram as creadoras!

Datam d'aqui as suas ideias extravagantes e crenças diferentes, não obstante Deus lhes fallar pela bocca de Abrahão, Izac, Jacob, José, Moysés, Josué, David, profetas e mais outros até á vinda do Messias promettido lá no Paraizo aos nossos protoparentes!

E' este (o Messias) o filho do Altissimo, o reparador do genero humano, o filho de Deus e elle mesmo Deus!

E' elle o que veio dar uma nova fórma ao mundo, força e vigor, brilhando como luz clarissima!

Foi elle o que tirou o homem da escuridão em que vivia, desfazendo as trevas do demonio, quebrando os grilhões de Satanaz, trazendo-nos para o mundo da

liberdade, esmagando a cabeça da serpente maldita, que tantos estragos tinha feito na pobre e infeliz humanidade!

Foi elle o que veio acabar com o sacrilego culto das creaturas, dizer que o verdadeiro Deus, dar uma ideia clara da Trindade Santissima, e dizer que em toda a parte deve ser adorada em espirito e verdade!

Finalmente é este o homem Deus, que veio regenerar o mundo, valendo-se de 12 homens, humildes pescadores, pobres, acanhados, timidos, medrosos, sem sciencia, saber, engenho, talento e prestigio algum; sem bens, riquezas e propriedades, sem armas e sem forças, empregando apenas para a persuasão a palavra e o exemplo!

Foi elle o auctor da grande revolução social; mas revolução pacifica, de paz e d'amor, grande exemplo para os reis, para os povos e para as nações!

ALBINO S. D. C.

A' Redacção do «Apostolo».

Londres, 28 de fevereiro, 1877.

SUMMARIO.

I.—(28 de Fevereiro) Meu modo de ver sobre a farça constitucional Turco-Ingleza, ou Anglo-Turca, e sobre a politica Russa a tal respeito.—II.—(1.º de Março) Noticia (que parece de Entrudo) de falar simplesmente, curar, etc. pelo telegrapho.—III.—A imprensa Russa caracterizando sufficientemente bem a Inglaterra, e a politica Ingleza.—Factos e circunstancias, mostrando, como o Libéranguismo Portuguez fez instrumento dos Inglezes, para preparar a destruição do imperio Colonial e Catholico Portuguez.—IV.—A Turquia objecto, d'ora em diante, de zelos e rivalidades, politicas e commerciaes, mas que será sobre tudo victima da politica e dos interesses Inglezes.

[Continuação]

Eis aqui os contingentes de noticias a que me referi ao começar esta disserta-

ção:— Diz o Correspondente de Berlim, ao Times (e este Correspondente é um dos mais bem informados e judiciosos— assim elle não fóra tão Bismarkino e anti-Catholico!), datando de ante-hontem, na Capital Prussiana:—

«O Governo Russo está dando as seguranças as mais Pacificas, e parece que em toda a parte o acreditam, salvo em Vienna. A Russia diz francamente, que não tem desejo de fazer a guerra, e que muito estimará desistir das hostilidades, logo que se tenha alguma consideração pelos seus sentimentos, e pela posição em que ella se encontra. Existe actualmente toda perspectiva de evitar-se um conflicto, se for possível induzir a Turquia a nomear alguns Governadores Christãos, e fazer de boa fé uma tentativa de reformas».

Depois, quer o mesmo Correspondente attribuir o tom de maior moderação na Russia, aos termos do discurso do Rei de Prussia na abertura do seu Palvatorio. Eu, pela minha parte, attribuo essa moderação Russa a causa muito differente; assim como muitissimo habil, e de accordo com os conhecidos systema e longanimidade da politica Moscovita, cuja divisa é o-sensato *Festina lente*.—

«Devagar se vai ao longe,  
«Bem tolo é quem se mata».

—; Que necessidade tem a Russia de gastar dinheiro, desperdiçar sangue, levantar contra si as iras de *John Bull*, e os ciúmes da Europa, quando conseguiu e vê, que a Turquia resolveu de moto proprio, trajar espontaneamente, até sem fazer carectas, o *reçipe-constitucional*; que consiste, lá, como n'outros paizes, em destruir a verdadeira e natural constituição das nações, e debilital-as, enfraquecel-as, desmoralizal-as, e roubal-as!

—; Não viu ella como a sua vizinha Austria, assim que engoliu a da pilula «constitucional» (e que daqui lhe foi receita-da e prescrita), cessou de ser o que era —nação preponderante; separou-se della a Hungria; começaram os charlatães a grasnar no palvatorio; e o Imperador tornou-

o rosto todo rubor de vergonha exclamou ajuntando as mãos:

—Porém de hoje em diante julgar-meha leviana... sem nobresa de sentimentos... sem modestia... talvez mesmo sem este pudôr, que agora me está queimando o rosto!!!

—Não; não, respondeu o velho: o snr. Candido tambem sabe, que se pôde furtar papeis.

—Como?...

—Depois que elle acabou de lér a sua historia escreveu quasi toda a noite, e adormeceu sobre a meza onde escrevia: a tempestade d'esta manhã o despertou, e quando o pobre moço foi pôr em ordem os seus papeis achou de menos um...

—Qual?

—O que elle tinha escripto depois de lér a sua historia.

—E quem o furtou?...

—A velha Irias, senhora.

—Oh! mas com que fim?...

—Para pagar-me o trabalho de lhe haver furtado a sua historia.

—Ah! snr. Rodrigues...

—Nada de reprehensões! disse o velho interrompendo Celina; a senhora e aquelle mancebo são meus filhos... eu amo a ambos, e quero que ambos se amem.

A voz do velho Rodrigues teve n'aquelle momento um não sei que de tão doce e tão solemne, que a Bella Orfã abaixou a cabeça, e ficou em silencio por algum tempo.

24

**FOLHETIM**

DR. J. M. DE MACEDO.

**OS DOIS AMORES**

ROMANCE BRAZILEIRO

VOLUME II

XII

No jardim.

N'essa mesma tarde, em que Mariana fóra perturbada e arrancada do seu bello sonhar de alegres fantazias, pelo rodar de uma carruagem, e ao mesmo tempo que na sala tinha lugar uma scena dolorosa e terrivel, no jardim do Ceo-cór-derosa outra se apresentava mais doce, mais terna, mais cheia de esperanças.

Celina, fiel aos innocentes amores de sua infancia, pois que, como ella dizia, tinha amado n'essa idade feliz o primeiro raio do sol e as flôres, estava sentada no banco de relva do camamanchão melancolica e pensativa.

Tinha na mão direita um botão de rosa, que acabava de colher; ás vezes, olhava para elle e suspirava; ás vezes deixava cair a cabeça e meditava; ás vezes

emfim, córando de si mesma, erguia a cabeça e lançava os olhos para o lado esquerdo...

Ao lado esquerdo, e dominando o camamanchão, estava uma pequena janella do sotão do Purgatorio-trigueiro.

Celina era uma d'essas jovens de imaginação viva e ardente, que a natureza cria como para serem estrellas do ceo dos poetas. Essa viveza, esse ardor de imaginação transpirava de tudo...

Aquelle sonho do botão de rosa... aquelle coração que se escondia em um involtorio tão innocente e tão puro... aquelle amor começado por uma oração; aquelles laços, que se tinham apertado aos olhos de Deus e á face de um tumulo; aquella historia que ella mesma escrevera em uma hora de feliz melancolia, tudo emfim demonstrava, que na alma d'essa moça havia o quer que seja de poesia, de amor do bello, de modo de vêr de artista.

Mas se essa viveza, se esse ardor de imaginação era ainda um encanto de mais na Bella Orfã; encanto que a tornava dobradamente encantadora, era ao mesmo tempo uma lente magica, que agigantava seus infortunios e seus pezares.

A imaginação faz do poeta o mais feliz, e ao mesmo tempo o mais desgraçado dos homens; porque na fruição de prazeres, e no soffrimento dos desgostos o poeta gosa mais do que ha, e soffre o dobro do que em realidade existe.

Celina achava-se n'este caso.

E ella n'essa tarde, como em todas as

dos ultimos dias, estava sentada no banco de relva do camamanchão meditando tristemente, quando a passos vagarosos e com semblante prazenteiro se aproximou do lugar, onde se achava a moça, o velho guarda-portão.

Celina olhou para elle com doçura, e quasi com esperança: aquelle homem de ordinario acertava de lhe fallar sobre o joven do Purgatorio-trigueiro.

—Sempre triste!... disse o velho.

—Pois então... murmurou a moça; de-vo acaso estar alegre?...

—Digo que não ha razão, para tão longas melancolias.

—Quando talvez julgam mal de mim... disse córando a Bella Orfã.

—Elle já conhece toda a verdade.

—Quem lh'a expoz?...

—Não fui eu.

—Mas quem foi?...

—Senhora, abusaram de um segredo...

roubaram-lhe uns papeis... uma historia de amor...

—Meu Deus!...

—N'essa historia do seu amor a sua justificação estava completa...

—E então...

—Aquelle que lh'a roubou levou-a ao Purgatorio-trigueiro, e entregou-a ao snr. Candido...

—Oh!...

—Elle portanto não pôde julgar-lhe ingrata e má: a sua historia contou-lhe tudo.

A Bella Orfã levantou a cabeça, e com

se de comédia; como a nossa boa Victoria, e como o Luiz Philippe d'Ajuda, e o Affonsito de Madrid?

A não ser que os Turcos estejam mais verdadeira e sensatamente civilizados que a França, a Italia, a Hispanha e Portugal — sem falar da pleyada absurda das Americas Hispanholas, — quem pode esperar que o postigo constitucionalismo (oriundo da Inglaterra — e só a ella bem adoptavel), produza em Constantinopla frutos diferentes dos que tem produzido em Paris, em Roma, em Madrid, ou na nossa absurdissima Lisboa?

O Doutor Fr. José da Sacra Família, ou por outra Dr. Tavares (que, seja dito em parenthesis, militou como Voluntario Academico, no principio da guerra contra os Francezes, sob o commando de um dos Pais da Patria Brazileiros, o Doutor José Bonifacio de Andfada), costumava dizer, aqui ha 30 e tantos annos, quando se falava de algum paiz que a Maçonaria e o Protestantismo Inglez se esforçavam de constitucionalizar (isto é, desorganizar e anarchizar) á moderna: — «Deixem-nos la metter uma «divinal» que está o paiz aviado». Esta «divinal» alludia ao hymno toleirado attribuido ao Imperador do Brazil D. Pedro I, para uso dos seus papalvos em Portugal, que começava, se bem me recorde: —

«O' Patria ó Rei, ó tólos»....

(Euganei-me) —

«O' Patria, ó Rei, ó Povo,

«Viva a Santa Religião;

«E respeita, e guarda sempre

«Divinal constituição.»

Este magestoso caracter «Divinal», que tanto dera no góto a Sacra Família, tinha sido imprimido á Carta ou Constituição (que tanto faz florecer Portugal ainda agora), pelo Senhor D. Pedro Lido Brazil, e pelo seu Chalaca, que referendou o famoso documento.

Se, pois, o distincto Doutor que ali dorme, ha cousa de 20 annos, no cemiterio de Brentwood, vivesse ainda, não deixaria de augurar á Turquia, com a sua Divinal, um diluvio de felicidades, semelhante ao que tem inundado Hispanha e Portugal, em virtude da tal divinalidade.

Quem, todavia, hade ganhar com isso, como tem ganhado em Hispanha e Portugal, e na Italia, é o Protestantismo Inglez; que para isso foi que, casado com a sua cara Esposa, a Maçonaria Nossa Senhora, tem sido o principal motor e padrinho, das taes constituições *ex post facto*, que têm a virtude de tudo transtornar, corremper, e destruir, onde se mettem.

Quem houver tido os olhos abertos, parece-me poderá ter observado, como o General Ignatiff, o representante da Russia, em Constantinopla e na celebre Conferencia, se foi tornando cada dia mais

dondo, mais amavel, menos exigente, desde que o agora celebre Doutor Midhat recitara o seu *recipe* de uma *divinal* para a Turquia.

«Que necessidade temos nós Moscovitas agora de applicar sangrias á la Gil Blas ao tal enfermo do barrete escarlate? Deixal-o engulir a *pillula constitucional*, que a *dysenteria* não tardará em pôr o enfermo na espinha; e então faremos por ajudal-o a bem-morrer, e recolher o que melhor conta nos faça, e melhor podémos assegurar-nos, da herança».

Eis ahí como eu interpreto o pacifico humor actual da Russia; antes que como consequencia do discurso do Imperador Prussiano; pois a Prussia tem muito mais interesse em conservar as boas-graças da Russia, do que esta as d'aquella.

A' vista dos effeitos que a «receita constitucional Ingleza» tem produzido por toda a parte onde a tomáram, a Russia não tem senão que pôr-se a capa, á espera, descansando, economizando, organisando-se mais e mais; consolidando suas conquistas, dominio e influencia na Asia Central; cultivando relações de amizade, benevolencia, e mutuo interesse com a Persia; e sobre tudo guardando-se das *pillulas «Divinaes»* do Sacra Família.

Uma cousa porem mais que tudo lhe daria brevemente no mundo uma influencia e autoridade preponderante e irresistivel; que seria o abandonar o scisma Oriental, entrar no seio da Igreja Catholica Apostolica Romana, e tornar-se sua Protectora substituindo assim, de alguma sorte, a França antiga; ou dando a esta a mão, ajudando-a a sahir do atleiro revolucionario, e ambas então dando lei justa ao Mundo.

(Cont. sua)

A. R. SARAIVA.

As palavras a que allude o artigo da «Union», que ha dias reproduzimos, proferida pelo conde de Chambord, na audiencia concedida á deputação marsehesa em Goritz, são as seguintes:

«Agradeço-vos, senhores, terdes comprehendido, que em mim encontrarias apoio e conselhos em meio das difficuldades actuaes.

Fallasteis-me das perturbações, que paralyam em França o desenvolvimento da prosperidade publica.

Com uma franqueza, que immensamente vos agradeço, não quizestes occultar-me tambem as persistentes calumnias, que ao mesmo tempo se dirigem contra a verdade e contra a minha honra.

Já sabia, senhores, que a audacia chegava a ponto de dizerem que, para gozar do repouso, abandonára a França, e renunciava á esperanca de salva-la.

E' por meio d'esta odiosa calumnia, contra a qual protesto, que os inimigos do principio tutelar da monarchia heredi-

tyam o objecto de seus amores, aborrecem, e demonstram o seu aborrecimento de um modo especial, de um modo que é só d'elles, e de seus irmãos no engenho. Os artistas e os poetas amam, e vingam-se como nenhuns outros no mundo: amam e vingam-se com a penna, com o pincel, no papel e no marmore... immortalizam seu amor, e sua vingança.

A's vezes uma hora de fogo para esses homens é mais proficua do que um seculo para os outros.

Candido tinha tido uma d'essas horas felizes; derramava enchentes de poesia no canticó da esperanca, e convertêra em hymnos de amor seu coração agradecido.

Celina havia começado a lêr receiosa e trémula; pouco depois o fogo que animára o poeta foi ardendo tambem na alma da virgem, que finalmente cedendo aos impulsos da natureza acabou por ler com paixão, e enthusiasmo, os juramentos de amor d'aquelle, que ella amava tanto.

Quando a Bella Orfã chegou ao fim da ultima pagina, era já a hora do crepusculo, hora voluptuosa e fantastica, em que não é dia nem noite, hora de sonhos e de chimeras certamente; sonhos e chimeras porem que todas as realidades d'esta vida não podem pagar nunca.

Celina docemente recostada no banco de relva do caramanchão ficou meditando muito tempo; não via mais os arbustos cobertos de flôres, que tinha diante de si; não ouvia mais o ruido que fazia o

favonio brincando com as flôres... estava vivendo no mundo encantado da imaginação; estava vendo a figura graciosa de Candido vibrando as cordas de sua harpa, e ouvindo a sua voz harmoniosa e terna entoar o canto do poeta amoroso, como na noite de seus annos:

«Iguaes são no fado que tem a cumprir, Iguaes n'um mysterio a bella e a flôr: «Se a flôr tem perfumes que o prado embalsama,

«E' dellio perfume da bella o amor,

Os olhos da bella moça ora se fitavam sobre um objecto, que ella então nem via, ora vagavam indifferentes e incertos... até que uma vez...

Celina fez um movimento e lançou os olhos sobre a janella do Purgatorio-trigueiro... a janella estava aberta, e junto d'ella um joven bello e gracioso embebia suas vistas na encantadora figura da moça... Era elle... era Candido.

O filho adoptivo de Iriás havia chegado á fresta da janella, vira a Bella Orfã lendo, conhecêra os seus papeis, e arrebatado de prazer e de enthusiasmo abriu a janella, e tinha ficado em terno extase, devorando com olhares ardentes os encantos d'aquella que adorava.

Celina ergueu-se um pouco... não mostrou nem pejo nem espanto: Candido lhe apparecia em um momento de fogo immenso de imaginação: nem ella nem

#### Equivocos desfeitos.

A «Palavra», em seu numero de 7 de março, n'um artigo dirigido ao «Bem Publico», afirma que «logo que o Syllabus condemnou o liberalismo catholico, começaram (os catholicos legitimistas (1)) a bater palmas e clamar aos quatro ventos da terra: «Bem feito! Agora já se desengaram de que os liberaes não são catholicos; que é todo oma socia de impios, malvados», etc. etc. (2)

«E continuam sempre neste tom, mantendo este equivoco, aliás prejudicialissimo á unidade catholica, por que, como é sabido, entre os liberaes, ou partidarios desta dynastia e respectiva forma politica, (3) ha felizmente muita gente, que não desmereceu ainda do seu catholicismo; (4) e estes tem protestado contra a *ex-communhão*, que os seus adversarios lhes lançam gratuitamente; (5) por que apezar de serem partidarios do systema constitucional, dito liberal, aceitam completamente as doutrinas da Igreja, e condemnam com ella os erros que se não infiltrado na sua forma politica, (6) erros de que são completamente irresponsaveis, (7) por isso que a maior parte desses erros já foram herdados da antiga monarchia, e por tanto não foram inventados por esta.» (8)

(1) A «Palavra» admite, no sentido theorico ou absoluto, que possa haver catholicos sem serem legitimistas, isto é, sendo revolucionarios?

Considere bem o que responde: essa opinião seria nova.

Se tal erro não admite, distingua,

que custa pouco, e não «manterá este equivoco».

(2) Isto é verdade e não é verdade; ou antes, é um engenhoso «equivoco» da «Palavra».

A «Palavra» bem nos entende...

A contradicção apparente será explicada, e por isso desaparecerá, nas seguintes notas.

(3) Alto!

Paremos aqui, pois temos que conversar.

Se a «Palavra» afirma que os «catholicos legitimistas» chamam «uma socia de impios, etc. («malvados», é liberdade poetica da «Palavra») aos «liberaes» no mero sentido de *constitucionaes* e «de partidarios desta dynastia», ou só por isso que o são, falta redondamente á verdade.

Todos os orgãos autorizados do partido legitimista tem declarado mil vezes, sem o minimo rodeio ou constrangimento, que a legitimidade desta ou d'aquella dynastia não é dogma de fé, embora o seja ou possa ser de *direito patrio*, e que a Igreja não condemna nenhuma forma propriamente dita de governo, embora possa desejar que esta ou aquella prevalença neste ou n'aquelle determinado paiz, por varias razões que para isso possa ter —razões de justiça, de direito, de legitimidade, de moral, e sobre tudo de religião.

Mil vezes tem declarado que se pode ser bom catholico e ao mesmo tempo constitucional, absolutista ou republicano.

Quantas vezes não tem elles elogiado, com frases não menos entusiasticas que as da «Palavra», duas pequenas republicas do Novo Mundo — a de Anthochia e a do Equador — d'onde porem o liberalismo estava banido?!

A «Palavra» que nos tem lido e que tem lido os nossos collegas legitimistas, pode dar testemunho do que dizemos.

Logo... não podia ser nesse sentido a afirmação da «Palavra».

No outro, — no sentido em que o Papa, em que o «Syllabus» condemnou os liberaes e o liberalismo, — neste estamos completamente de accordo com a «Palavra», por que ella tambem condemna como nós os taes liberaes e o tal liberalismo: não é assim?

Por tanto... houve um equivoco.

E' nos impossivel admittir outra coisa.

E' verdade que nós os catholicos legitimistas lamentamos muitas vezes, que certos constitucionaes (e constitucionaes tambem o somos até certo ponto, e por conseguinte não «absolutistas» no sentido rigoroso da palavra), ou antes certos amigos da presente dynastia, estejam dando a mão ou cooperando politicamente com os inimigos da Igreja, e ás vezes n'aquillo exactamente que é offensivo á mesma Igreja, como nas eleições de homens impios, na venda de bens ecclesiasticos usurpados, etc.; e declaramos não com-

elle estavam em si: o poeta, e a bella acima do mundo... acima dos homens, viviam n'essa hora no espaço encantado, que as almas habitam em completa independencia da materia.

Com os olhos fitos um no outro, como dous magnetizados, com os labios dilatados por doce e terno sorriso, elles ficaram olhando-se muito tempo... muito tempo... vivendo, amando-se, gozando-se pelos olhos!

Nem uma palavra de seus labios... nem um movimedo de seus braços... para que?... o que poderiam dizer e significar elles?...

As almas de ambos patenteavam-se, conversavam, juravam de mil modos um amor puro e celeste n'aquelle olhar fixo e ardente com que os dous amantes se estavam devorando.

O magnetismo de amor os dominava.

A' face do ceo e á luz do crepusculo celebrava-se alli um hymneo encantado.

O templo era o jardim: amor era o sacerdote, as testemunhas eram os favonios e as flôres.

Os noivos eram aquelles dous corações! Desde esse momento Candido e Celina ficavam sendo esposos na alma: não se haviam dado as mãos; mas tinham-se enlaçado pelos olhos.

(Continúa)

prender como elles combinam a sua piedade e o seu catholicismo (não negamos que sejam catholicos—note-se) com este inqualificavel proceder.

Mas isso é outra questão e mui diversa.

Não são herejes, nem schismaticos, são incoherentes.

Catholicos fervorosos—quem o duvida?—mas contradictorios e pasmosamente incompreensíveis!

Não é esta uma questão de fé, é uma questão de coherencia pratica, de bom senso e de recta razão.

Que tem a dizer-nos o illustrado collaborador ou redactor da «Palavra»?

Por ventura nos quer prohibir que exprimamos a nossa admiração em presença de um facto pasmoso?

(4) Mas podem ter desmerecido do bom senso pratico, ou da logica, segundo o que acabamos de expôr na antecedente nota.

(5) Apague! «Excommunhão»!

Já vemos que a «Palavra» está hoje com veia, mostrando gostar de certas liberdades poeticas, que em boa e corrente prosa se chamam ex-gerações, quando se não chamam outra coisa.

(6) A este trecho havemos respondido sufficientemente, nos parece, na nota 3.<sup>a</sup>—Só acrescentaremos que se a propria «Palavra» confessa que os taes pessimos «erros se não infiltrado» na tal «forma politica»; em quanto que d'ella se não desinfiltrarem....

Bem comprehende o resto. A bom entendedor... etc.

(7) Conforme!... —Veja-se a ultima parte da nota 3.<sup>a</sup>, e fiquemos entendidos, se é que os homens se entendem por palavras.

(8) Esta razão final, perdoe-nos o collega, mas parece-nos estar muito abaixo da sua, ordinariamente mui judiciosa, critica. Pois só é responsavel quem inventa erros; e é «completamente irresponsavel» quem os adopta, quem os agrava, quem os leva quiçá até á descarada, á cynica apostasia, como hoje estão praticando ou deixando praticar alguns senhores governantes liberaes,—digna progenie d'esses velhos regalistas, cesaristas e josefistas, de cuja ascendencia tanto se gloriam; mas que nós havemos sempre condemnado com a merecida indignação, como bem sabe o illustrado collega, se nos lê, embora tivessem esses homens suas desculpas nas circumstancias attenuantes do tempo, na falta de certas experiencias e desenganos, na menor clareza ou desenvolvimento de alguns pontos doutrinaes, e nunca houvessem chegado a taes extremos?!

Por ultimo, quasi estamos arrependidos de havermos fallado tantas vezes na «Palavra», e de a ella nos havermos dirigido, quando nos deviamos talvez dirigir sómente a um seu illustrado collaborador ou redactor. Muitos dos que n'ella escrevem, e muitissimos dos que a assignam e lêem—d'isso estamos seguros—estão perfeitamente de accordo com as idéas que aqui expomos, e lamentam que algum ou alguns (poucos) collaboradores dêem de vez em quando a sua «escorregadella» para o liberalismo, no dizer do «Bem Publico».

Mas o artigo não vinha assignado!

De resto, *escorregadellas*, qual o periodico que as não dá? Uma folha diaria sobre tudo, em que muitos escrevem, e em que nem sempre é possível a conveniente revisão, para se manter a pureza de doutrina, não só, mas a unidade moral e a coherencia logica, necessariamente ha de cair em faltas, que é mister desculpar.

Quem estiver sem peccado que atire a primeira pedra; não seremos nós.

Mas, conhecida a falta, a insistencia é que seria peccaminosa.

—E' escusado dizer, que se alguma nossa expressão se julgasse poder offender o prezado collega, ainda no mais mimimo, a retirariamos com toda a boa vontade.

Comprehendemos o programma de um jornal catholico, que abstrahido de politica partidaria e da questão dynastica, instrua, como fazem, por exemplo, o *Echo de Roma*, as *Leituras Populares*, etc., de que nunca tivemos razão de queixa; mas é mister que o mantenha com firmeza, que não menospreze o principio de legitimidade, que é um principio religioso e catholico, absolutamente fallando, opposto ao principio revolucionario, anti-catholico por essencia; e que jamais nos venha dizer que seria *pedrista ou miguealista*, segundo fosse de D. Pedro ou D.

Miguel, que nos desse a liberdade de que gozamos...

Ora isto foi escripto ha bem poucas semanas com estas ou semelhantes palavras, e por quem menos era de esperar. E se isto não é calcar aos pés o principio de legitimidade (que não tem sómente por origem, e em todos os casos a *vontade do povo*), se isto não é mostrar-se revolucionario, ou liberal, no peor sentido da palavra,—no condemnado,—não sabemos o que o seja. Não haveria, não houve por certo, a má intenção de sustentar um erro, mas o erro lá está e a apparencia illude. A proposição do que «os povos tem direito de se organisarem politicamente» (sempre, e até mesmo depois de já estarem organisados? como entenderem e quizerem), attribuindo essa «doutrina» á «Egreja», tambem é grandemente equivooca, e cheia não pouco a revolucionaria ou liberal. A «Palavra» ha-de concordar.—(«Correio da Tarde»)

## GAZETILHA

**Expediente.**—Guardando-se, por antigo costume, nesta typografia o dia de S. José, como Padroeiro da Egreja e por ser o Santo do nome do proprietario d'este jornal, não demos a folha correspondente ao dia 20. Em compensação offerecemos aos nossos assignantes a descripção mais circumstanciada e correcta da entrada solemne e posse corporal do ex.<sup>mo</sup> e revd.<sup>mo</sup> sr. D. João, arcebispo Primaz, que vae em appenso.

**Lausperenne.**—Expõe-se hoje no templo dos extinctos Congregados, e sabado na egreja de S. Vicente.

**Procição de Passos.**—Teve lugar no domingo a magestosa procição de Passos, a qual, como noticiamos, foi feita com esplendor excedente ao dos annos anteriores.

Abria o prestito o guião e *Senatus*, seguindo-se a irmandade de Santa Cruz, que levava grande numero de irmãos, e a comunidade do Seminario de S. Pedro, em numero de 90 seminaristas.

Antes e depois do andor do Senhor dos Passos iam muitos anginhos conduzindo emblemas allusivos á Paixão.

As borlas da bandeira pegavam os ex.<sup>mos</sup> snrs. Deão, conegos Vieira de Sá, Costa, e Martins.

O andor era guiado pelo sr. commandador José Joaquim Gomes d'Araujo Alvares.

Em seguida ao pallio, sob o qual o revd.<sup>mo</sup> capellão de Santa Cruz conduzia o Santo Lenho, ia s. exc.<sup>a</sup> revd.<sup>mo</sup> o sr. arcebispo Primaz, e depois o sr. provedor, Barata.

Conduziam as lanternas, aos lados do pallio, os ex.<sup>ms</sup> snrs. conde de Margaride, visconde de Pindella, Francisco Jacome de S. P. Vasconcellos, dr. Martinho Barata, dr. João de Paiva, dr. Felix Maria Gomes, Henrique Freire e Augusto Lobato.

Fechava o prestito todo o regimento d'infanteria 8, precedido da banda marcial.

Innumero povo, tanto das aldeias vizinhas como da cidade do Porto, obstruia as ruas do itinerario.

**Carro virado.**—Na segunda feira, um carro que conduzia passageiros para a procição de Passos, em Rendufe, virou-se, ao embocar da rua de Santo André, em razão de se lhe ter partido uma das rodas.

Immediatamente a esta occorrença, da qual saíram illezos todos os passageiros, acudiram em socorro algumas pessoas, entre as quaes o sr. Joaquim José de Barros, do largo dos Penedos, e sua esposa, que do modo mais cavalheiresco pozeraem á disposição d'aquelles um juro carro,—acção que sobremodo o honra.

**Sermão.**—Na solemnisima festa das Dôres, que amanhã se faz no templo dos Congregados, prega o sr. conego Alves Matheus, orador dos mais notaveis que Portugal tem produzido.

**Excursão á Citania.**—Na semana passada teve lugar uma excursão á Citania, com o fim de verificação d'alguns topicos d'exame d'aquellas ruinas venerandas. Foram alli os snrs. dr. Martins Sarmiento, de Guimarães, e Pereira-Caldas, de Braga, com alguns amigos d'um e outro. O sr. dr. Sarmiento, incansavel nos trabalhos preparatorios da conferencia archeologica da Citania, que deve ter lugar nos dias 8 e 9 do proximo abril, offereceu nas Caldas das Taipas um esplendido jantar aos visitantes das excavações, que

elle tem levado ao estado curioso em que se acham.

E' maravilhoso quanto se observa n'aquelle monte das ruinas.—As construcções, os arruamentos, as inscrições, os fragmentos de barro e de vidro, os restos de cobre e de ferro, os fructos torrados, as mós de moinho, as esculpturas—e as questões a que dão lugar estes objectos d'ancianidade—tudo é surpreendente para o amator das antiguidades, e para o estudioso das epochas sumidas d'ha muito na voragem dos tempos.

**Diplomacia.**—Diz um correspondente de Lisboa para um jornal do Porto que ainda não ha decreto algum assignado de nomeações de governadores civis, nem mesmo o do sr. marquez de Vallada para Braga.

Pois, senhores, foi o mesmo alludido correspondente quem ha dias nos deu como positiva a assignatura do decreto nomeando o sr. marquez governador civil d'este districto.

Porora, pois, ainda nada se sabe a este respeito.

**Festa de S. José, no Collegio do Espirito Santo.**—Os revd.<sup>os</sup> padres d'este acreditadissimo collegio promoveram uma festa escolastica para commemoração do dia do glorioso S. José, não só como Padroeiro da Egreja, mas tambem por ser o Santo do nome do Padre Superior d'aquelle estabelecimento.

Improvisado um lindo theatrinho, desempenharam os alumnos um dramazinho apropriado, e cinco d'entre elles recitaram mimosas canções, em forma de dialogo, em louvor de S. José. Nos intervallos recitaram-se varias poesias, sendo bisada a que recitára o joven Carlos Torres da Costa Braga.

A orchestra era composta de piano e rebecas tocadas por meninos, e com canto, a letra do qual eram canções a S. José, respondidas em côro por todos os alumnos.

O drama, as poesias e a musica acompanhando o canto, bem como a pintura do scenario, foi tudo obra d'alguns professores do collegio.

**Miserere e sermão em Santa Cruz.**—Sexta-feira, antes do *Miserere*, que se costuma cantar deante do Senhor dos Passos, no templo de Santa Cruz, haverá sermão.

A sagrada Imagem estará patente no andor.

**Escandalo.**—Em a noite de sabado para domingo alguns discolos, pertencentes indignamente á classe academica, que desacreditam, quizeram praticar nesta cidade um inqualificavel desacato, como o que ha pouco se deu em Coimbra, mas revestido de circumstancias ainda mais aggravantes;—pois foram de pensado interromper infamemente um acto do nosso culto provocando com palavradas grosseiras e brutaeas as pessoas que andavam fazendo as *via-sacras*.

Não queremos usar dos termos convenientes para stigmatizar este facto odiosissimo, que traz indignada toda a cidade.

Eis como nol-o relatam:

Na madrugada de domingo, quando grande multidão de fieis se achava reunida á porta do Collegio, a rezar, appareceram alguns estudantes, entre os quaes nos dizem que vinha um tocando e cantando o *fado*, e começaram a dirigir ás pessoas presentes as chufas e insultos mais grosseiros, só proprios da ralé mais infima.

Ao barulho e algazarra dos desordeiros acudiu uma patrulha que por alli girava. Logo que ella interveio, os da *claque* investiram com um soldado, a quem rasgaram a farda. Recebido aviso na casa da guarda das Travessas, acudiu esta, e conseguiu prender dois dos desordeiros, que foram conduzidos para a cadeia.

Alguns estudantes tentaram ainda soltar os prezos o que não conseguiram em razão da attitude tomada pela força.

Este procedimento dos discolos tem sido, como não podia deixar de ser, altamente reprovado por toda a gente sensata.

Não concluiremos sem lembrar a s. exc.<sup>a</sup> revd.<sup>mo</sup> o sr. arcebispo a conveniencia de prohibir as *via-sacras* de noite, a horas improprias, afim de se obviar á repetição de escandalos como o que acabamos de referir.

**Jantar.**—O sr. conde de Margaride deu ante-hontem um opiparo jantar de despedida a grande numero dos seus amigos.

Durante o jantar, que começou ás 6 horas da tarde e acabou ás 10, tocou d'entro do portal da habitação d'aquelle distincto cavalheiro a banda regimental.

**Jubileu como o da Porciuncula.**—No sabbado, 24 do corrente, é dia de jubileu, que os fieis podem alcançar e applicar pelas almas do Purgatorio. A este respeito traz a «Semana Religiosa Bracarense» o seguinte:

**Pergunta.**—Haverá alguma indulgencia concedida aos fieis para o dia 24 de Março, em que se resa em Portugal da instituição do SS. Sacramento?

**Resposta.**—A instancias da rainha a sr.<sup>a</sup> D. Maria 1.<sup>a</sup>, foi concedido por S. Sanctidade, facultade para em Portugal se rezar da instituição do SS. Sacramento; pois é uma piedosa tradição que n'este dia celebrará Christo á ceia com os seus discipulos, em que instituirá este augustissimo Sacramento; e além d'isso concedeu S. Sanctidade indulgencia plenaria *ad instar Porciunculae* a todas as pessoas que, confessadas e commungadas visitarem qualquer egreja onde estiver o SS. Sacramento, ou tiver sua invocação. Por consequencia, tantas quantas vezes se visitarem as egrejas acima ditas n'este dia 24 de Março, tantas indulgencias plenarias applicareis ás almas do Purgatorio se pôdem ganhar. (Veja-se o que se disse ácerca da indulgencia da Porciuncula no n.<sup>o</sup> 62 d'este jornal.)

**Associação Catholica.**—Houve no domingo conferencia feita pelo director espiritual da Associação.

Versou sobre a liberdade, assumpto que foi tractado com a proficencia que seria loucura negar ao sr. padre João Velloso.

Houve tambem quartetto musical, desempenhado excellentemente.

No domingo de Paschoa haverá allocações do exc.<sup>mo</sup> presidente e do director espiritual da Associação, e sexteto musical.

**Uma publicação importante.**—O sr. Teixeira de Freitas, conbecido editor religioso de Guimarães, empreheudu a publicação da *Historia Popular dos Papas*, por J. Chantrel, vertida por Antonio José de Carvalho, e da qual acabamos de receber o fasciculo n.<sup>o</sup> 1.

E' uma obra da mais subida importancia, a qual é insinuada pelo proprio titulo e pelo nome do auctor.

Emquanto á traducção, é esmeradissima como esmeradissimos são os trabalhos do sr. Antonio José de Carvalho, auctor d'algumas obras de muito merecimento.

**Morte repentina.**—No domingo falleceu repentinamente na egreja da Sé, Rodrigo Pinto, morador nas Carvalheiras.

O finado tinha sido empregado no Commissariado no tempo do Senhor D. Miguel, e era um dos convencioneados de Evora-Monte. Contava já avançada idade, e vivia em extrema pobreza, que era adoptada pelos soccorros d'algumas pessoas caritativas desta cidade.

**Fallecimento.**—No sabbado falleceu, depois de dolorosos soffrimentos, o sr. Francisco Angelo de Lima, honrado artista desta cidade, e capitão da companhia de bombeiros.

Deus tenha a sua alma na Gloria.

O enterro foi feito a expensas da companhia, e do exc.<sup>mo</sup> presidente da camara, que tambem acompanhou o cadaver ao cemiterio.

**«Barboletas».**—Recebemos o n.<sup>o</sup> 1 do volume 3.<sup>o</sup> deste bonito semanario de litteratura. Vem muito melhorado.

**Universo Illustrado.**—Recebemos os n.<sup>os</sup> 9 e 10 do *Universo Illustrado*, bella publicação lisbonense, que vae tendo o melhor acolhimento, do que é mui digna.

**Ordenação.**—No sabbado passado tomou ordens de presbytero o nosso amigo o revd.<sup>mo</sup> sr. Manoel José da Silva Bacellar, que foi um dos estudantes mais distinctos do seu curso, e é moço modestissimo, quanto talentoso.

Felicitemos a virtuosa familia dos Bacellares, de Cervães, á qual pertence o novo levita.

**Estada.**—Veio no passado domingo visita cidade o sr. Joaquim d'Araujo, moço de formosissimo talento, e redactor da «Harpa», periodico litterario do Porto.

O notavel escriptor passou toda a tarde d'aquelle dia em convivio litterario com o sr. dr. Pereira Caldas.

**Cathequese.**—No proximo domingo haverá nos templos do Collegio e Povo cathoquese aos adultos e ás creanças, feitas por iniciativa da Associação Catholica.

**Galardão academico.**—Por diploma do 1.<sup>o</sup> do corrente foi inscripto o exc.<sup>mo</sup> dr. Pereira Caldas como socio cor-

respondente da Sociedade Anthropologica de Madrid, que é uma das corporações scientificas de primeira ordem da Europa.

Os diplomas são lithographados com elegancia e simplicidade, contendo na orla as sciencias auxiliares da anthropologia, e os typos das differentes raças da especie humana.

Estas sciencias são: Historia Geral, Psychologia, Physiologia, Historia Natural, Ethnologia, Physica, Chimica, Philologia, Geologia, e Archeologia.

**Para os inundados.**—A commissão composta dos exc.<sup>mos</sup> snrs. visconde de Pindella, vigario geral, arcipreste, Antonio José Gonçalves Braga, Francisco Baptista da Silva, José da Rocha Veiga e José Joaquim d'Araujo Correia, dirigiu aos revd.<sup>os</sup> parochos a carta que segue:

A Commissão, creada no conselho de Braga, para auxiliar a Commisão Central do Districto, na subscrição para socorro das victimas das ultimas inundações, com que aprouve á Divina Providencia experimentar a paciencia dos homens—toma a liberdade de pedir a V. Exc.<sup>a</sup> se sirva, de accordo com o Regedor da sua freguezia e aggregando a si todas as pessoas principaes d'ella, e aquellas que julgar convenientes—formar uma commissão de que V. Exc.<sup>a</sup> é Presidente nato—e promover um peditorio com aquella applicação.

A Commissão dirigindo-se aos Snrs. Revd.<sup>os</sup> Parochos, cujo officio é a pratica das virtudes Christãs—nenhumas instrucções se atreve a dar a V. Exc.<sup>a</sup> e só pede licença para lembrar—que a maior de todas ellas é—Caridade.

**Asylo de S. José.**—Celebrou-se nesta casa de caridade a festa do Padroeiro, a qual correu na forma dos annos anteriores.

A missa foi celebrada pelo digno presidente da commissão, o revd.<sup>mo</sup> sr. conego José Gomes Martins, que administrou a Sagrada Communhão aos asylados.

A este acto assistiram a commissão administradora, algumas autoridades, e bemfeitores do asylo.

A orchestra era a da capella do sr. Manoel João de Paiva, que gratuitamente a prestou, como já dissemos.

A casa achava-se com todo o azeite, no que muito se esmeraram as Irmãs Hospitalarias que servem n'aquelle estabelecimento pio.

O jantar aos asylados foi dado pelo exc.<sup>mo</sup> sr. conde de Margarida. O que a Commissão tencionava dar fica para o dia de Paschoa.

O exc.<sup>mo</sup> e revd.<sup>mo</sup> sr. arcebispo, que se dignou visitar o asylo, deixou para o mesmo 20,000 reis d'esmola.

A casa esteve de tarde exposta ao publico, sendo extraordinaria a affluencia de pessoas que a visitaram, a qual em certo modo não podia deixar de tornar-se incommodativa para os asylados pelas imprudencias que sempre se commettem onde ha agglomeração de povo.

A banda do regimento 8 tocou quasi toda a tarde no jardim do asylo.

**Journal Academico.**—Recebemos o n.º 1 deste jornal, que começou a publicar-se nesta cidade e é orgão da classe academica.

Este n.º está bem redigido, e traz excellentes artigos em prosa e verso.

Longa vida ao novo collega.

**Casamento.**—Uniram-se no dia 14, na egreja matriz da villa da Povoa do Varzim, pelos laços do matrimonio o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Joaquim Simões Cantante, delegado do procurador regio d'aquella comarca, com a ex.<sup>ma</sup> sur.<sup>a</sup> D. Rita Amelia das Neves Duarte, irmã do nosso amigo o sr. Thomaz Duarte.

A ss exc.<sup>as</sup> desejamos um porvir de venturas e felicidades de que são dignos.

**Pagamento.**—No dia 2 d'abril proximo ha de verificar-se nos cofres centraes dos districtos do continente do reino e nas caixas centraes do ministerio da fazenda o pagamento dos juros das obrigações do emprestimo para aquisição dos navios de guerra, relativo ao semestre que finda em 31 de março corrente.

A apresentação das relações será feita desde as 11 horas da manhã até á 1 hora da tarde, da maneira seguinte:

Obrigações. 1 a 4:909 no dia 24 de março, 4:910 a 9:818 no dia 26 de março, 9:819 a 14:927 no dia 27 de março, 14:928 a 19:638 no dia 27 de março.

## AGRADECIMENTOS

A Condessa d'Azevedo julga ter agra-

decido a todas as exc.<sup>as</sup> senhoras e cavalheiros, que se dignaram cumprimentar-a por occasião do fallecimento de seu marido o Conde d'Azevedo; sendo porém possível que commettesse alguma falta involuntaria, agradece por este meio a todos em geral, e a todos se confessa summamente grata.

Porto 12 de março de 1877.

(161) Condessa d'Azevedo.

Francisco Jacome de Sousa Pereira de Vasconcellos, Vasco Jacome de Sousa Pereira de Vasconcellos, e Visconde de Ruães, julgam ter agradecido pessoalmente a todas as pessoas da sua amizade e relações que lhes dispensaram distinctos obsequios durante a grave e prolongada enfermidade de sua muito querida e sempre chorada irmã e cunhada Maria da Conceição Jacome de Sousa Pereira de Vasconcellos, assim como ás que se dignaram acompanhar o cadaver da finada até a real capella de Santa Cruz e ahi honraram com a sua presença os officios funebres que tiveram logar no dia 25 do mez passado; mas sendo possível que para com algumas deixassem de cumprir tão imperioso dever, pedem desculpa da ommissão, e significam assim a sua mais intima e cordial gratidão.

Igualmente agradecem a todos os senhores reverendos ecclesiasticos, que obsequiosamente se dignaram celebrar e assistir aos referidos officios por alma da finada. (169)

## ANNUNCIOS

## EDITAL

O escrivão de fazenda do concelho de Braga, etc.

Faz saber, em cumprimento do artigo 133 do regulamento da contribuição industrial, que, pelo presente edital são convidados os individuos sujeitos á dita contribuição que não podem formar gremios por serem menos de sete, a comparecerem perante elle no dia 24 do corrente mez, nos paços da Camara d'este concelho, a fim d'ahi resolverem por maioria o que se lhes offerecer na repartição das collectas a saber:

A's 8 horas da manhã:

Adelos, 8.<sup>a</sup> classe; Albardeiros, 7.<sup>a</sup> classe; Alugadores d'objectos funerarios e armações d'egreja, 6.<sup>a</sup> classe; Botequins com sorvetes, 4.<sup>a</sup> classe; Carvão, mercador por miudo, 7.<sup>a</sup> classe; Casas de pasto, 5.<sup>a</sup> classe; Cereaes, mercador, 7.<sup>a</sup> classe; Cerieiros; 5.<sup>a</sup> classe; Colchoeiros, 6.<sup>a</sup> classe; Correeiros com estabelecimento, 6.<sup>a</sup> classe; Cal. areia, e tijolo, 6.<sup>a</sup> classe; Cera em bruto, mercador, 6.<sup>a</sup> classe.

A's 9 horas da manhã:

Encadernadores, 7.<sup>a</sup> classe; Escultores, 6.<sup>a</sup> classe; Estalagens de guardar animaes, 7.<sup>a</sup> classe; Esteiras finas, 7.<sup>a</sup> classe; Estancia de madeira, 4.<sup>a</sup> classe; Ferradores, 7.<sup>a</sup> classe; Ferragens novas, mercador, 5.<sup>a</sup> classe; Fundição de ferro, mestres e directores de fabrica; Funileiros fabricantes, 7.<sup>a</sup> classe; Guarda livros, 5.<sup>a</sup> classe; Hospedarias, 4.<sup>a</sup> classe.

A's 10 horas da manhã:

Instrumentos de cordas, 8.<sup>a</sup> classe; Latoeiros, fabricantes, 7.<sup>a</sup> classe; Leite, vendedor, 8.<sup>a</sup> classe; Livros, vendedores, 6.<sup>a</sup> classe; Louça de barro ordinaria, 7.<sup>a</sup> classe; Marceneiros, 5.<sup>a</sup> classe; Mestres de officinas; Musicos, 7.<sup>a</sup> classe; Ourives, mercador, 5.<sup>a</sup> classe; Parteiros, 8.<sup>a</sup> classe; Fotografias, 6.<sup>a</sup> classe.

A's 11 horas da manhã:

Pintores mestres, 6.<sup>a</sup> classe; Salga de carne, estabelecimento; Surradores com estabelecimento, 7.<sup>a</sup> classe; Penteeiros, 7.<sup>a</sup> classe; Typographias, emprazarios, 7.<sup>a</sup> classe; Vidraceiros 6.<sup>a</sup> classe; Tintureiros, 7.<sup>a</sup> classe; Vinhos finos, 5.<sup>a</sup> classe.

A's 2 horas da tarde:

Officiaes de correeiro, 8.<sup>a</sup> classe; Encadernador, 8.<sup>a</sup> classe; Fogueteiro, 8.<sup>a</sup> classe; Cebeiro, 8.<sup>a</sup> classe; cortidor, 8.<sup>a</sup> classe; Tecelão, 8.<sup>a</sup> classe.

Para que chegue ao conhecimento de

todos se passon o presente e outros para serem affixados nos logares do costume.

Repartição de Fazenda do Concelho de Braga, 19 de março de 1877.

O Escrivão de Fazenda,

(173) Antonio da Costa Moraes.

## 2.º AVISO

Francisco Xavier Peixoto, roga a todas as pessoas que com elle tem contas, o favor de as saldarem. E aos prestamistas que tem machinas a praso o obsequio de entrarem com suas prestações atrazadas. Especialmente se dirige a alguns de Braga, aos do Pico, de Villa Verde, e de Villa Nova de Famalicão; protestando desde já fazer judicialmente valer seus direitos, e antes publicar seus nomes pela imprensa, a fim de precaver as pessoas de boa fé contra aquelles que não se envergonham de faltar ao cumprimento dos contractos, e á sua *palavra d'honra*.

F. X. Peixoto.

**Arrematação simultanea na Repartição de Fazenda do districto de Braga e na Administração do Concelho de Braga, no dia 13 de abril de 1877, de propriedades pertencentes á Santa Casa da Misericordia do Porto.**

Districto e concelho de Braga

Freguezia de Vimieiro

Um campo de terra lavradia com arvoredos de vinho e agua de rega e lima, chamado o Campo da Fontella, situado ao poente da estrada do Porto a Braga, no logar de Macada, confrontando do nascente com a referida estrada, do poente com Estevão da Costa Ribeiro, norte com predio do padre Ignacio Ribeiro da Cruz, sul com propriedade de José Antonio Gomes. Louvação 430,000 rs.

Tres leiras de matto com carvalhos e pinheiros, sitas no monte chamado da Andorinha, no logar da Macada, e se denominam leira da Esperança, Bouça e leira dos Castanheiros. Formam todas uma propriedade que desce do nascente para o poente, apresentando 11 linhas que confrontam da forma seguinte: tres que ficam do lado do norte confrontam com João Ferreira e José Cerqueira; tres que ficam do lado do poente confrontam com o mesmo Cerqueira e Estevão da Costa Ribeiro Cruz; duas do lado do sul confrontam com o dr. Daniel José Fernandes e Manuel José Ferreira Hilario; tres do lado do nascente confrontam com José Joaquim de Carvalho e João Ferreira. Estas leiras com a que se segue constituem um prazo foreiro á Camara Municipal de Braga em 400 reis annuaes e landemio de quarentena, pagando estas leiras ao cabeço de praso 50 reis annuaes, a que o arrematante fica obrigado. Uma leira de terra de monte, chamada a leira da «Fonte de Ouro», sita na logar do Marco, no monte da «Andorinha», confronta do norte e nascente com terra dos herdeiros de Manuel Ferreira, sul com José Gonçalves e do poente com o padre Ignacio Ribeiro da Cruz. E' sujeita ao praso acima referido, pagando ao cabeço de praso 10 reis annuaes. Louvação 69,038 rs.

Porto e Santa Casa da Misericordia, 17 de março de 1877.

O Official-Maior,

Manuel Gonçalves da Costa Lima. (175)

## POMBOS

A Sociedade do tiro dos Pombos de Lisboa, compra pombos, em partidas não inferiores a 50, pelo preço de 140 reis cada um, pagos no acto da entrega, em qualquer estação dos caminhos de ferro de Norte a Leste e de Sueste. Os vendedores podem, para mais esclarecimentos, dirigir-se aos chefes de estação ou ao secretario da Sociedade, Luiz de Sequeira

Oliva, e espingardeiro Lurberton, rua Aurora, n.º 76, Lisboa. (50)

## VENDA DE QUINTA

(Praça voluntaria)

Quinta-feira 5 d'abril do corrente anno, vender-se-ha em praça particular, ao meio dia, na Villa de Felgueiras, a grande e mimosa quinta do convento de Pombeiro, proximo á estrada de Rodagem que segue da referida villa para a cidade de Guimarães, a qual pertenceu ao fallecido Antonio Pereira Leite Guimarães. E' toda fechada pela circulação d'um muro, e é de natureza allodial.

Compõe-se de diversos campos, grande sorte de matto, e tapada de Santa Cruz, contendo bravios com abundancia para a mesma quinta, casas de vivenda, grande parte das casas do convento e outras diversas para commodidade dos caseiros, grande encanamento d'aguas das quaes é muito abundante, grande e magnifico chafariz, alpendre, espigueiro e eira ladrilhada;—estes quatro objectos rivam pela sua elegante e segura construção com os da mais famosa quinta que haja na redondeza d'esta villa,—moínho, madeiras serradas e por serrar, produzem grande quantidade de vinhos e fructas, 10 carros de pão annuaes, grandes tulhas, pipas e outras vazilhas para guardar os liquidos. Pensa tres a quatro juntas de bois.

A venda terá logar na dita villa, em frente da casa da camara.

Esta quinta é toda livre e desembaraçada; não paga foros nem tem commissos de especie alguma. No acto da praça estarão patentes todos os documentos necessarios para segurança do comprador. (172)

## Vinho do Alto Douro

No Campo de D. Luiz 1.º, casa n.º 9, e morada do Bacharel Antonio Joaquim da Silva Cerqueira, vende-se vinho superior do Douro, da melhor localidade d'aquella região, e de sua propria casa (174)

## Editos de 30 dias

Pelo juizo de direito d'esta comarca e cartorio de Motta, correm editos de 30 dias a contar de 10 do corrente, a requerimento de Francisco José d'Araujo, d'esta cidade—pelos quaes são citadas todas as pessoas incertas, que tenham direito, jus e acção sobre o producto em deposito das propriedades seguintes:

Uma morada de casas sobradada com quintal e mais pertencas situada na rua de Guadalupe, designada pelo n.º 2, com sua respectiva cocheira junta designada pelo n.º 2 a 2 B—e outra morada de casas de dous andares e rocio, situada na rua do Forno designada pelo n.º 8, d'esta cidade—arrematadas pelo requerente em execução que Antonio José Pereira moviu contra Jeronymo José Pereira da Cunha solteiro, d'esta mesma cidade, pelo que são citadas, chamadas e requeridas todas as pessoas incertas para que venham de duzir e allegar todo o seu direito no praso de duas audiencias que se lhes tem de assignar findos os editos, que vem a ser na audiencia de 16 de d'abril proximo futuro pelas 9 horas da manhã no tribunal judicial sito no largo de Santo Agostinho, sob pena de revelia e lançamento e de se julgarem as ditas propriedades livres e expurgadas de todo qualquer onus ou hypothecas.

Braga 19 de março de 1877.

(176) O solicitador—Torres.

## RIBEIRO

CIRURGIÃO DENTISTA

APPROVADO PELA ESCOLA MEDICO-CIRURGICA DO PORTO

Largo do Barão de S. Martinho n.º 5 BRAGA.

Faz tudo quanto diz respeito á sua arte e continúa operando gratis, pobres e soldados. (18)

BRAGA, TYPOGRAPHIA LUSITANA—1877